

CANDAU, Vera Maria (Org.). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação outra?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

Adélia Maria Nehme Simão e Koff

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ - Brasil

Para celebrar 20 anos de intenso trabalho e produção, o Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Cultura(s) - Gecec, vinculado ao Departamento de Educação da PUC-Rio, lançou o livro *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação outra?*. Trata-se de mais uma obra do Gecec, que permite aprofundar a reflexão e provocar os debates sobre as diversas questões relacionadas às diferenças culturais, presentes tanto na produção acadêmica, quanto na dinâmica da sociedade em geral e, particularmente, no contexto educacional.

Cumpramos ressaltar que a problemática das diferenças culturais vem adquirindo cada vez maior visibilidade social e suscitando acirradas polêmicas em diversos espaços, da grande mídia às redes sociais, dos movimentos sociais às salas de aula. Relações étnico-raciais, diversidade sexual, questões de gênero, pluralismo religioso, relações geracionais, culturas infantis e juvenis, saberes curriculares, entre outros, são temas que têm provocado tensões, reações de intolerância e discriminação. Além disso, diversas iniciativas têm surgido, com a intenção de trabalhar esses diversos temas, numa perspectiva orientada à afirmação democrática, ao respeito mútuo, à aceitação da diferença e à construção de uma sociedade em que todos e todas possam ser plenamente cidadãos e cidadãs.

Organizado pela coordenadora do Gecec, a professora Vera Maria Candau, o livro *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação outra?* reúne artigos elaborados por especialistas de diferentes países latino-americanos, bem como autores e autoras que integraram/integram o grupo, em diversos momentos de sua trajetória acadêmica e profissional: como estudantes do programa de pós-graduação - mestrado e/ou doutorado - da PUC-Rio, ou realizando seus pós-doutorados no contexto desse grupo de estudos e pesquisas. Todos - autores e autoras - podem ser identificados como

atores que partilharam/partilham a construção dos caminhos trilhados pelo grupo ao longo de suas atividades.

Os artigos da presente publicação estão agrupados em quatro grandes blocos/capítulos. O primeiro, cujo título é *Interculturalidade, decolonialidade e educação: perspectivas*, está integrado por textos de autores latino-americanos, com os quais o Gecec tem mantido uma intensa interlocução: Fidel Tubino, da Universidade Católica do Peru, que trata das relações entre formação cidadã e educação intercultural; Catherine Walsh, da Universidad Andina Simón Bolívar, sede Equador, focalizando as “brechas decoloniais” e suas implicações para o trabalho acadêmico e político; e Daniel Mato, da Universidade Nacional de Três de Fevereiro (Untref), Argentina, que analisa questões sobre as relações entre universidade e diversidade cultural e epistêmica no contexto latino-americano. Nesse primeiro bloco/capítulo, também foi incluído um trabalho de autoria da professora Vera Maria Candau sobre as contribuições para a educação intercultural do pensamento de Boaventura Sousa Santos, conhecido sociólogo da Universidade de Coimbra, e com o qual, como afirma a própria autora, o Gecec também tem mantido um intenso diálogo. É possível destacar que, num tom bastante provocador, os quatro artigos aqui publicados contribuem para alargar as inquietudes e buscas na perspectiva da afirmação da interculturalidade crítica e suas implicações para os processos educacionais.

O segundo bloco/capítulo, *Conhecimentos, políticas, enfoques e educação intercultural* está integrado por textos que abordam determinadas políticas públicas, como a versão preliminar sobre a Base Nacional Comum Curricular, proposta pelo MEC, e que tem suscitado ampla discussão na área acadêmica, concretamente sobre o ensino de história, de autoria de Carmen Teresa Gabriel; esse também é o foco de um segundo texto, orientado a desconstruir o caráter monocultural de sua abordagem e oferecer elementos para a construção de “outras histórias possíveis”, de Cinthia Monteiro de Araujo. Outros textos, publicados nesse segundo bloco/capítulo, abordam temas relativos às políticas de ação afirmativa, no ensino superior, dirigidas a estudantes negros, de Daniela Valentim Drelich, assim como a implantação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, em escola de ensino fundamental, situada

próxima de uma comunidade quilombola do Rio de Janeiro, de autoria de Augusto César Gonçalves e Lima. Integram também esse bloco/capítulo o trabalho de Luís Fernandes de Oliveira, que oferece elementos para repensar a luta antirracista no Brasil, em especial, no campo educacional, sob a perspectiva da interculturalidade, e o de Susana Sacavino, sobre as relações entre descolonização e educação, tema que vem adquirindo especial relevância na América Latina.

Sujeitos, diferenças e processos educativos é a temática do terceiro bloco/capítulo. Nele, são abordados temas pouco trabalhados na literatura pedagógica e importantes para a perspectiva da educação intercultural. Kelly Russo e Edson Diniz tratam de trajetórias de estudantes universitários indígenas no estado do Rio de Janeiro. Miriam Soares Leite e Carla de Oliveira Romão, da persistência do sexismo na educação escolar da juventude. Helena Maria Marques de Araújo e Stela Guedes Caputo focalizam as crianças como sujeitos em espaços de educação não formal, o Museu da Maré e os terreiros. Finaliza o bloco/capítulo, Cristiane Correia Taveira, abordando processos de construção pedagógica que assumem as especificidades das pessoas surdas.

O quarto e último bloco/capítulo, está centrado em temas relativos às *Práticas pedagógicas, formação de educadores e interculturalidade*. Procura oferecer caminhos para a construção de práticas educativas interculturais e o enfrentamento de preconceitos e discriminações, presentes, muitas vezes, no âmbito educativo. Adélia Maria Nehme Simão e Koff analisa a pertinência do trabalho centrado em projetos para a educação intercultural. Wilson Cardoso Júnior trata do ensino de artes visuais antirracista. Marcelo Andrade, de como enfrentar a intolerância religiosa na escola, a partir da perspectiva intercultural. Ivanilde Apoluceno de Oliveira e Isabell Theresa Tavares Neri analisam experiências de educação não formal, a partir das contribuições de Paulo Freire à perspectiva intercultural. Emília Freitas de Lima e André Luiz Sena Mariano, assim como Vera Maria Candau, focalizam temas referentes à formação de professores e interculturalidade. Os primeiros, a partir de questões sobre os saberes docentes, e a segunda apresenta uma experiência realizada com professores em serviço.

Considerando a descrição - mesmo que breve - desses quatro blocos/capítulos, é possível afirmar que os textos que integram a presente publicação abordam diferentes temáticas, a partir de diversos olhares e perspectivas, além de adotarem referenciais teóricos e enfoques plurais. Constituem um significativo mosaico das problemáticas que afetam as questões relativas às diferenças culturais hoje. Como destaca a própria organizadora da obra, trata-se de uma característica inerente à linha de investigação da problemática em pauta, ou seja, “a pluralidade analítica e crítica, o incessante alargamento de suas preocupações e perspectivas” (CANDAU, 2016, p 14).

Todavia, Candau também destaca que

Mesmo tendo presente esta diversidade dos textos, é possível identificar uma busca comum, presente de modo explícito ou implícito em todos os trabalhos, a necessidade de reinventar a educação e a escola, superando o caráter monocultural, euro-usa-cêntrico e homogeneizador das práticas educativas. Este parece ser um grande desafio do momento.

Nesse sentido, é possível afirmar que, para os autores da obra em pauta, *Interculturalizar, descolonizar e democratizar* são referentes fundamentais. Por sua vez, eles também perguntam: é possível construir uma *Educação “Outra”*? E acrescentam: “outra” na perspectiva que nos propõe Catherine Walsh (2005)?

O conceito de interculturalidade é central à (re) construção de um pensamento crítico outro - um pensamento crítico de/desde outro modo -, precisamente por três razões principais: primeiro, porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade [...]; segundo, porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocênicos ou da modernidade e, em terceiro, porque tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global. (apud CANDAU, 2016, p 14)

Com a leitura dos diferentes artigos que integram o livro *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação outra?*, é possível constatar alguns aspectos e/ou dimensões relevantes que estão presentes nos estudos e pesquisas dos Gecec e que se refletem nos diferentes textos e/ou reflexões apresentadas.

O primeiro diz respeito à relação entre diferenças culturais e direitos humanos e como afirma a própria organizadora da obra:

Partimos do ponto de vista de que a relação entre questões referidas à justiça, superação das desigualdades e democratização de oportunidades, e as que dizem respeito ao reconhecimento de diferentes grupos socioculturais se faz cada vez mais estreita. Nesse sentido, a problemática dos direitos humanos, muitas vezes entendidos como direitos referidos à igualdade, fundamentalmente individuais, civis e políticos, se amplia e, cada vez mais, se afirma a importância dos direitos coletivos, culturais e ambientais. Nessa perspectiva, igualdade e diferença não podem ser vistos como polos que se contrapõem, e sim como polos que se exigem mutuamente. Essa articulação entre igualdade e diferença, redistribuição e reconhecimento (Fraser, 2001) tem sido um eixo central das pesquisas que vimos desenvolvendo e orientando. (CANDAU, 2016, p. 8)

O segundo aspecto tem a ver com a relação entre multiculturalismo e interculturalidade – conceitos e/ou expressões polissêmicas. Na América Latina, por exemplo, muitos autores entendem que o multiculturalismo está relacionado à afirmação das diferenças culturais em suas especificidades, enquanto a interculturalidade põe ênfase no aspecto relacional. Por sua vez, e tendo presente que o multiculturalismo admite diferentes posições, a perspectiva adotada pelo grupo é a que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade, por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2016, p. 8).

Segundo Candau (2016), o grupo tem privilegiado o diálogo com diferentes autores latino-americanos e estimulado o aprofundamento na educação intercultural crítica, na perspectiva assinalada por Tubino (2005):

A assimetria social e a discriminação cultural tornam inviável o diálogo intercultural autêntico. Por isso, não se deve começar pelo diálogo, e sim pela pergunta pelas condições do diálogo. Ou, dizendo de modo mais preciso, é necessário exigir que o diálogo entre as culturas seja, em primeiro lugar, um diálogo sobre os fatores econômicos, políticos, militares etc., que condicionam atualmente o intercâmbio franco entre as culturas da humanidade. Essa exigência é hoje imprescindível para não se cair na ideologia de um diálogo descontextualizado, que se limitaria a favorecer os interesses criados da civilização dominante, não levando em consideração a assimetria de poder que reina hoje no mundo. Para que o diálogo seja real, é necessário começar por visibilizar as causas do não diálogo, o que passa necessariamente por um discurso de crítica social. (apud CANDAU, 2016, p. 9-10)

De acordo com Candau (2016),

A interculturalidade crítica quer ser uma proposta epistemológica, ética e política orientada à construção de sociedades democráticas que articulem igualdade e reconhecimento das diferenças culturais, assim como a propor

alternativas ao caráter monocultural e ocidentalizante dominante na maioria dos países do continente. (p. 10)

Um terceiro aspecto e/ou dimensão, particularmente no que se refere à educação escolar, diz respeito à afirmação de que é preciso “reinventar a escola” (Candau, 2010), para poder superar a significativa e grave crise por que passa essa importante instituição. Crise que está exigindo ir muito além da adoção de medidas de caráter metodológico e/ou técnico, para caminhar no sentido de assumir um amplo e profundo enfrentamento. Nesse caso, é possível afirmar que os artigos apresentados consideram a perspectiva da interculturalidade crítica como um elemento central nesse processo de “reinventar a escola”. E, nesse sentido, seus autores sugerem construir sujeitos, saberes e práticas, sempre comprometidos com o fortalecimento da democracia e com a emancipação social, articular igualdade e diferença destacando a importância de reconhecer as diferenças culturais como riquezas.

Se não logramos mudar de ótica e situar-nos diante das diferenças culturais como riquezas que ampliam nossas experiências, dilatam nossa sensibilidade e nos convidam a potencializá-las como exigência da construção de um mundo mais igualitário, não poderemos ser atores de processos de educação intercultural na perspectiva que assinalamos. E, para tal, estamos chamados a desconstruir aspectos da dinâmica escolar naturalizados que nos impedem de reconhecer positivamente as diferenças culturais e, ao mesmo tempo, promover processos que potencializem essa perspectiva. (CANDAU, 2016, p. 11)

Uma obra realizada a partir de intensos estudos, elaborada por muitas mãos e mentes, mas na qual se constata uma escrita também feita de emoção e coração, que aposta na importância de buscar construir uma “Educação Outra”, comprometida com a construção de um “Mundo Outro”, onde cada um e todos os sujeitos que integram diferentes grupos culturais tenham lugar, sem hierarquias e com justiça em todas as suas dimensões.